Bib Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais

Seção: Artigos livres DOI: 10.17666/bib10102/2026

Desindustrialização: balanço da literatura recente na sociologia e história

Submetido: 24/09/2024
Aceito: 11/11/2024

Leonardo Nogueira Aucar[1]

RESUMO

O artigo realiza um balanço bibliográfico sobre processos de desindustrialização. Este debate envolve transformações econômicas e sociais relativas à redução da importância da indústria na atividade econômica na segunda metade do século XX. Coletaram-se artigos sobre o tema nas áreas de sociologia e história, em língua inglesa e publicados entre 2014 e 2023. Em seguida, foram extraídos os artigos e livros mais citados por essa bibliografia recente. Partindo desses *corpora,* selecionaram-se quarenta e três artigos e cinco livros para análise. A literatura converge no impacto da perda de empregos industriais, no foco em casos do Norte Atlântico, no uso de métodos qualitativos e numa ênfase na perspectiva de trabalhadores e comunidades. Como fatores causais, a literatura destaca a realocação produtiva e o aumento de produtividade industrial. Lacunas são a falta de trabalhos em múltiplos níveis analíticos, poucas discussões fora do eixo Norte-Atlântico e pouca problematização da agência de Estados e empresas.

Palavras-chave: Desindustrialização; Indústria; Desenvolvimento; Mudança social; Mudança estrutural.

SUMMARY

The article conducts a bibliographic review on processes of deindustrialization. This debate concerns the economic and social transformations of the decline of industrial production as an economic activity in the second half of the 20th century. Articles on the topic were sought in the fields of sociology and history, in English, and published between 2014 and 2023. Subsequently, the most cited articles and books in this recent bibliography were extracted. From this *corpus*, forty-three articles and five books were selected for analysis. The literature converges on the impact of industrial job losses, the focus on North Atlantic cases, the use of qualitative methods, and the emphasis on workers and communities' perspectives. Productive relocation and increased industrial productivity are considered main causal factors. Gaps include the lack of multi-level studies, few discussions outside the North Atlantic axis, and little problematization of the agency of states and companies.

Keywords: Deindustrialization; Manufacturing; Development; Social change; Structural change.

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: leonardoaucar@ufrj.br

Introdução[2, 3, 4]

Esse artigo realiza um balanço bibliográfico sobre processos de desindustrialização. Seu objetivo é caracterizá-los em aspectos sociológicos e históricos, identificando tanto suas características generalizáveis como suas especificidades temporais e geográficas. Visa também atualizar o leitor sobre os principais desenvolvimentos da literatura de língua inglesa recente sobre o tema nas áreas de sociologia e história.

Como metodologia, utiliza a revisão de literatura (Efron; Ravid, 2019; Jesson; Matheson; Lacey, 2011). Esta, para além de parte de projetos de pesquisa maiores, pode constituir um método de pesquisa próprio. Foi mobilizada neste trabalho uma busca e análise sistemática dos artigos revisados por pares disponíveis na base "W*eb of Science*" e publicados entre 2014 e 2023 a respeito da temática da desindustrialização e as fontes mais citadas por eles. Após critérios de seleção, elencados na seção seguinte do trabalho, chegou-se a um *corpus* de quarenta e três artigos e cinco livros para análise.

O termo "desindustrialização" é comumente tratado como uma redução da participação da manufatura e da indústria geral na economia (Pula, 2017, p. 2) ou uma redução do emprego industrial em proporção ao estoque de empregos (Dandaneau, 2012, p. 1; Kollmeyer, 2020, p. 1; Lois González, 2019, p. 1). Em geral é identificada pela mudança em indicadores de participação do setor industrial no PIB (Rowthorn; Ramaswamy, 1999) conjugada com indicadores de emprego no nível nacional (Tregenna, 2009).

Enfatiza-se aqui, entretanto, seu caráter de transformação social historicamente situada, como defendido em Strangleman (2017) e Lawson (2020), e a necessidade de conectar os estudos sobre trabalhadores e suas comunidades às transformações de nível macro na economia política e na divisão internacional do trabalho, como propõe High (2023, p. 56). Destaca-se a importância de compreender a aceleração dessa transformação social, resultante da interação complexa de múltiplos fatores contextuais, em vez de buscar causas únicas.

Entre as razões para investigar o fenômeno estão seus efeitos sobre as relações com a política (Iversen; Cusack, 2000), comércio (Alderson, 1999; Alderson; Nielsen, 2002), emprego (Beatty; Fothergill, 2020; Tomlinson, 2020), meio ambiente (Feltrin; Mah; Brown, 2022) e seus impactos nas identidades dos indivíduos e comunidades afetados por ele (Linkon, 2018; Mah, 2012; Nayak, 2006; Perchard, 2013). Inicialmente identificado com o *Rust Belt* americano e regiões europeias como o Ruhr, Alemanha, ou norte da Inglaterra (Emery, 2019; High, 2013; Strangleman; Rhodes; Linkon, 2013), a discussão tem ganhado crescente espaço fora do chamado "Norte global", sendo seu aparecimento "prematuro" visto como um desafio para países de industrialização tardia (Rodrik, 2016, p. 20).

2 Agradeço as sugestões e comentários de Rodrigo Salles Pereira dos Santos, José Ricado Ramalho, Helga da Cunha Gahyva, Carla Machado e Olga Christina de Oliveira Zunino

3 Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa de doutorado na qual esse artigo se insere através do projeto O Atravancamento da Alteridade: Um Estudo das Formas de Negação do Outro e de suas Formas de Resistência Segundo o Diálogo entre Múltiplas Abordagens Sociológicas e Antropológicas. Código de processo 404114/2022-9

4 Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento através do programa de cooperação internacional PROBRAL, durante o qual parte da pesquisa que resultou neste artigo foi conduzida

No Brasil, as discussões centram-se sobre sua ocorrência, causas e consequências (Maia, 2020; Marconi; Rocha, 2012; Morceiro; Guilhoto, 2023; Nassif, 2008; Oreiro e Feijó, 2010), mas o debate acaba centrado no campo da economia, limitando a compreensão da complexidade do fenômeno. Como exceção, Santos *et al.* (2024) apontam sua relação com mudanças na dinâmica eleitoral brasileira. Por sua vez, políticas públicas como a "Nova Indústria Brasil" partem da premissa da existência da desindustrialização e visam revertê-la ou amenizá-la como parte de uma estratégia de desenvolvimento econômico (CNDI; MDIC, 2024, p. 5)

O texto a seguir está dividido em cinco partes que abordam: 1 - critérios de seleção e características do balanço bibliográfico; 2 – a definição de desindustrialização e suas características; 3 - a temporalidade, lugares e grupos sociais privilegiados no debate; 4 - suas causas, impactos e instituições mediadoras; 5- discussão e conclusões.

1. Características da revisão de literatura

A revisão de literatura realizada é exploratória e crítica (Jesson; Matheson; Lacey, 2011, p. 15), incorporando elementos de uma revisão sistemática (Efron; Ravid, 2019, p. 25), mas com flexibilização da cobertura do material. Foram utilizados termos de busca na *Web of Science*[5, 6] para encontrar 205 artigos em inglês nas áreas de sociologia e história, publicados entre 2014 e 2023 e revisados por pares.

Esses artigos foram ordenados por número de citações e avaliados quanto ao seu tópico central, abordagem do conceito de desindustrialização, dimensões consideradas e metodologia (ver tabela 1 abaixo). Vinte e três artigos foram selecionados com base nesses critérios. Em seguida, foram extraídas as referências citadas pelo conjunto de 205 artigos, resultando em uma lista das fontes bibliográficas mais utilizadas nos últimos dez anos. Foram selecionados os artigos revisados por pares mais relevantes, adicionando assim vinte artigos e os cinco livros mais citados ao *corpus*. No total, tem-se a seleção sistemática de 43 artigos e cinco livros como base para a revisão de literatura. Por fim, critérios não sistemáticos foram utilizados para preencher lacunas específicas relativas ao caso brasileiro e contextualizar a discussão na introdução acima.

Tabela 1 – Critérios de priorização de artigos.

Critério	Descrição da avaliação
Tópico Central	(+) A desindustrialização é um tópico central do artigo? (-) Há outras temáticas que dividem o foco do artigo?

Continua...

5 Os termos de busca também são denominados comumente como *queries* e tipicamente permitem o encadeamento booleano de combinações de termos que devem estar presentes ou ser excluídos dos resultados.

6 A *query* utilizada teve o seguinte formato: *(deindustrialization OR deindustrialisation OR de-industrialization OR de-industrialisation OR reindustrialization OR reindustrialisation OR re-industrialization OR re-industrialisation OR "manufacturing decline" OR "decline in manufacturing" OR "industrial closings" OR "shift to service economy" OR "transition to service economy"*, sendo os termos procurados no título, resumo ou palavras-chave dos artigos (critério *topics* na nomenclatura da *Web of Science*).

Critério	Descrição da avaliação
Abordagem do conceito	(+) Há uma definição clara do conceito? (+) O conceito é considerado em sua complexidade de causas e consequências? (-) É tratado como apenas variável causal para outro fenômeno?
Dimensões consideradas	O artigo aborda a desindustrialização em dimensões: (+) econômica, (+) social/cultural e (+) política?
Metodologia	(+) Artigo possui descrição de metodologia clara? (+) Descreve a fonte dos dados analisados?
Nota: (+) indica aspecto positivo; (-) indica aspecto negativo; pontuação de 0, 0.5 ou 1 em cada critério; selecionados artigos que pontuaram 3 ou mais no agregado.	

Fonte: Elaboração própria.

Realizando uma inferência a partir da revista de publicação ou da formação acadêmica do autor, podem-se agrupar os artigos da seguinte maneira: sociologia (15), história (18), economia (4), ciência política (3), estudos culturais (1), *social policy* (1) e geografia (1). Os livros, a partir da formação dos autores, podem ser classificados em: sociologia (1), história (2), economia (1) e estudos de literatura (1).

Do ponto de vista metodológico, predominam na literatura trabalhos primordialmente qualitativos. Há forte presença de trabalhos que utilizam metodologias de história oral (Clark; Gibbs, 2020; Clarke, 2015; Hodson, 2019), entrevistas (Hoekstra, 2020; Nettleingham, 2019; Scheiring, 2020; Scheiring; King, 2023) e, em menor grau, análises documentais (Phillips, 2015; Phillips; Wright; Tomlinson, 2019), etnografias (Lewis, 2016) e análises institucionalistas comparativas (Lee, 2016). Alguns trabalhos empregam métodos mistos, combinando análises históricas com análises de dados quantitativos (Tomlinson, 2020; Van Nederveen Meerkerk, 2017).

Já trabalhos de ênfase primordialmente quantitativa são minoria, destacando-se preocupações com o impacto econômico da desindustrialização na desigualdade econômica e na mobilidade social (Berger; Engzell, 2022; Kollmeyer, 2018) ou suas causas do ponto de vista econômico (Kollmeyer, 2018; Rodrik, 2016). Estes são, na maioria, baseados em técnicas de regressão multivariada. Por fim, alguns trabalhos têm preocupação primordialmente teórica (Strangleman, 2017; Tomlinson, 2016), enquanto outros são revisões de literatura (Emery, 2019; High, 2013; Lawson, 2020; Strangleman; Rhodes, 2014; Strangleman; Rhodes; Linkon, 2013).

2. Definição de desindustrialização e suas características

Neste trabalho propõe-se como definição de desindustrialização a transformação social associada à redução relativa da participação da indústria na capacidade produtiva e no estoque de empregos em dado território. Essa mudança, que passa a se dar de forma acelerada e recorrente a partir da segunda metade do século XX, tem dimensões econômica, política e cultural e é mediada por instituições tempo-espacialmente enraizadas. Tal definição dialoga com a proposição de Santos (2016) de abordar o desenvolvimento econômico enquanto mudança social e numa perspectiva socioantropológica.

No que concerne à dimensão econômica, a redução do emprego industrial é o principal indicador do fenômeno na literatura examinada (Beatty; Fothergill, 2020; Berger; Engzell, 2022; Clark; Gibbs, 2020, p. 42; Phillips; Wright; Tomlinson, 2019; Scheiring, 2020; Tomlinson, 2016, p. 84; Van Nederveen Meerkerk, 2017), em diversos casos analisada a partir da experiência de fechamento de fábricas (Clarke, 2015; Hodson, 2019; Lewis, 2016), saída de empresas de regiões (Highsmith, 2014) ou declínio de setores industriais particulares, como carvão e aço (Berger; Wicke; Golombek, 2017). Alguns autores tratam o processo de forma menos específica como uma redução da capacidade produtiva (Bluestone; Harrison, 1982), um encolhimento dos setores industriais centrais (Durazzi; Geyer, 2020) ou redução da produção – *output* no original – industrial (Van Nederveen Meerkerk, 2017, p.1219–1220).

Para Bluestone e Harrison (1982), Kollmeyer (2018, p. 1) e Clark e Gibbs (2020, p. 40), a contração do setor industrial está relacionada à crescente mobilidade de capital e, para Tomlinson (2016, 2020, p. 199), ao crescimento do setor terciário e transição para uma economia de serviços. Tal transição é associada à crescente terceirização e aumento do trabalho precário em Lee (2016, p. 79) e a salários mais baixos em Winant (2019, p. 107). Ainda sobre o mercado de trabalho, há ênfase numa crescente dualização, a separação deste em camadas que mantêm certo grau de proteção social e uma crescente camada de trabalhadores submetidos a piores condições de trabalho e menores salários (Durazzi; Geyer, 2020, p. 120; Lee, 2016, p. 86).

A conceituação do fenômeno, porém, vai além, incorporando dimensões culturais e políticas. É notável a influência programática de Cowie e Heathcott nos estudos de desindustrialização ao propor repensar sua "cronologia, memória, relações espaciais, cultura e políticas" [*e analisar*] "os múltiplos significados de uma das mais importantes transformações do século XX" (Cowie; Heathcott, 2003, p. 2)[7].

Dentro da dimensão cultural, algumas importantes considerações são sobre como essa mudança representa uma transição de um modo de vida e cujos impactos se estendem longamente. Linkon (2018) vai enfatizar essa continuidade pela expressão "meia-vida da desindustrialização", destacando os efeitos de longo prazo sobre trabalhadores e comunidades afetados pelo fechamento de fábricas. Mah (2012) irá olhar o constante declínio dessas comunidades sob a perspectiva de uma "ruinação", enfatizando, assim, seu aspecto de processo.

Já Strangleman (2017) avança a discussão, propondo a leitura dessa transformação como um momento histórico simétrico à industrialização. Em sua leitura de Thompson (1961 *apud* Strangleman, 2017), ele enfatizará este momento como uma transição que carrega consigo as marcas do período anterior, um fechamento da era industrial (Strangleman, 2017, p. 467). De forma similar, Hoekstra (2020, p. 694) encapsula as discussões sobre transformações relativas às comunidades como constituindo a perda de uma forma de vida. Scheiring e King (2023, p. 144) vão propor ver a indústria como uma instituição social cuja dissolução provoca uma desintegração com amplas implicações para o tecido social.

Memória e nostalgia são também mobilizadas (Clark; Gibbs, 2020; Clarke, 2015; Lewis, 2016; Nettleingham, 2019). Porém, longe de estarem ligados meramente ao passado,

7 Tradução própria.

esses conceitos ressaltam como os atores sociais mobilizam as narrativas do passado no presente enquanto recursos, possibilitando assim a transformação do futuro. Dizem respeito menos ao passado e mais aos "presentes alternativos" (Clarke, 2015, pp. 119–123) possíveis de existir e a futuros possíveis de serem imaginados.

Já sobre a dimensão política, de conflito e coordenação, Phillips (2015, p. 551) destaca o caráter desejado e politizado da desindustrialização. Mostra, pela história do fechamento de uma mina de carvão, como as decisões – e propensões – dos atores políticos e das organizações econômicas são baseadas em suas relações sociais e tensões e que o processo sempre pode ser gerido de formas distintas (Phillips, 2015, pp. 571–572). Já Clarke (2015, p. 108) mostra como a desindustrialização está imbricada numa narrativa de "modernização" pela qual o fenômeno é considerado inevitável, funcionando como estratégia por parte de representações oficiais do poder público de forma a despolitizar as discussões sobre projetos relativos aos antigos territórios industriais.

Por sua vez, Clark e Gibbs (2020, p. 45) apontam os desequilíbrios de poder e distintas experiências de atores da sociedade civil, econômicos e políticos em regiões passando por entradas ou saídas de investimentos. Já numa dimensão mais ampla, Tomlinson (2016) aborda a desindustrialização como uma metanarrativa explicativa das transformações da Grã-Bretanha no século XX e destaca suas consequências para a economia política e bem-estar econômico (Tomlinson, 2016, p. 86). Como um todo, há assim uma noção de desindustrialização como uma disputa pertencente à economia política, na qual claramente alguns atores – do mercado e Estado – possuem posição privilegiada em relação a trabalhadores e comunidades.

Por fim, a gestão da desindustrialização no tempo presente é tratada mais centralmente em dois conceitos político-culturais. Rhodes (2013, p. 64) e Byrne (2002) mobilizam a ideia de estrutura de sentimentos, de Raymond Williams, como forma de descrição da maneira como o processo histórico é percebido no dia a dia por parte daqueles envolvidos. Já a expressão "economia moral", em Gibbs (2018) e Tomlinson (2011), em grande parte referenciando Thompson (1966), diz respeito a aspectos normativos, difusos nas comunidades, sobre como a gestão da transformação econômica deveria se dar, especialmente do ponto de vista da ação estatal e da mitigação, ou não, dos impactos sobre trabalhadores e comunidades.

3. Lugares, periodização e personagens

A maior parte das análises concentra-se em países com alto grau de renda *per capita* e industrialização antiga, em especial na Europa e América do Norte. As mais frequentes remetem à Grã-Bretanha, aparente reflexo de sua importância histórica no processo de industrialização. Tomlinson (2016) toma como recorte a Grã-Bretanha como um todo a partir de 1945; Nettleingham (2019) dá ênfase à cidade inglesa de Faversham, enfatizando os precedentes históricos dos fechamentos em massa dos anos 80, e Beatty e Fothergill (2020) expandem o escopo para um conjunto de antigas cidades industriais inglesas. Já Lewis (2016) trata em específico da região leste de Manchester. Aparecem ainda

discussões sobre a Irlanda do Norte (Hodson, 2019) e Escócia (Perchard, 2013; Phillips, 2013, 2015; Phillips; Wright; Tomlinson, 2019). Há, ainda, debates centrados na Europa continental, como na região do Ruhr, na Alemanha (Berger; Wicke; Golombek, 2017), França (Clarke, 2015) e Hungria pós-transição para uma economia de mercado (Scheiring, 2020; Scheiring; King, 2023).

Também central é o caso dos EUA, tratado na escala nacional (Berger; Engzell, 2022; Kollmeyer, 2018), regional, especialmente quanto ao que se convencionou chamar de "*rust belt*" americano (Bluestone; Harrison, 1982; High, 2003) e local, com particular atenção a cidades como Flint (Highsmith, 2014) e Pittsburgh (Winant, 2019). Ainda na América do Norte, Clark e Gibbs (2020) enfocam a província da Nova Escócia, Canadá, ecoando a presença do país como um dos pioneiros nos estudos de desindustrialização (High, 2013, p. 994).

Alguns trabalhos destacam-se pelo caráter comparativo internacional, como: Mah (2012), que traz comparações de cidades americana, inglesa e russa; Durazzi e Geyer (2020), centrando a discussão nos contextos austríaco e alemão; e Lee (2016), que analisa comparativamente Japão, Coreia do Sul e Taiwan. Este último se mostra uma das poucas exceções a fugir do eixo Norte-Atlântico.

Do ponto de vista da escala analítica, a maior parte dos artigos trabalha com a escala do Estado-Nação ou país. Também são frequentes artigos tomando como escala analítica determinada cidade em específico, às vezes expandindo sua análise para a região metropolitana, como em Highsmith (2014). Em alguns exemplos mais raros, há ênfase regional, como em Berger; Wicke e Golombek (2017) sobre a região do Ruhr ou Scheiring (2020), o qual seleciona um conjunto de cidades húngaras tipicamente industriais antes da transição para economia de mercado. Alguns trabalhos deslocam a escala ainda mais para a unidade industrial, como Hodson (2019), no qual há ênfase no encerramento de um icônico estaleiro, e Phillips (2015), em que se descreve em detalhe o fechamento de uma mina de carvão, ambos na Escócia. Dada a natureza multiescalar dos processos econômicos, uma lacuna dessa literatura reside na falta de trabalhos operando em diversas escalas analíticas simultaneamente ou com abordagens de rede.

É importante salientar como a escolha da escala analítica muitas vezes é determinante na identificação da existência de processos de desindustrialização, em especial em situações que envolvem realocação produtiva. Um dos melhores exemplos é como Bluestone e Harrison (1982) enfatizam simultaneamente a ocorrência de desindustrialização no norte dos EUA enquanto observam a industrialização no sul do país. Também pioneiro, e poucas vezes repetido, é o modo como esses mesmos autores abordam os impactos sociais dos dois processos, mostrando-os como duas faces de um mesmo fenômeno relacionado à crescente mobilidade de capital.

Essa transformação, entretanto, não segue um ritmo linear ou simultâneo em todos os territórios. Considerando a escala nacional para fins didáticos, as análises do caso americano apontam um intenso período de desinvestimento produtivo nos anos 60 até os anos 90 (Bluestone; Harrison, 1982), com intensificação nos anos 70 (Highsmith, 2014, p. 42; Strangleman, 2017, p. 474; Winant, 2019). Kollmeyer (2009) chega a pontuar seus

sinais já no pós-Segunda Guerra Mundial, enquanto Highsmith (2014) a situa como centrada nos anos 1960 em diante, porém ligada intimamente à descentralização do investimento produtivo já a partir dos anos 1940. Sobre o Canadá, Clark e Gibbs (2020) destacam um processo a partir dos anos 1970 em diante, intensificado nos anos 1980.

Os casos da Grã-Bretanha e europeus continentais exibem padrão similar. No primeiro, há evidências iniciais de desindustrialização, cujas causas remontam ao período prévio a 1945 (Tomlinson, 2020), mas cujos desenvolvimentos passam a ser claramente vistos em fins dos anos 1950, abrangendo a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda do Norte, e se aceleram ao longo dos anos 1960 e 1970 (Hodson, 2019; Phillips, 2015; Tomlinson, 2016). O período de 1979 a 1982 é, particularmente, crítico para a Grã-Bretanha, como aponta Tomlinson (2016, p. 87), de 1975 a 1981 para a Escócia (Phillips; Wright; Tomlinson, 2019), mantendo-se intenso ao longo dos anos 1980 (Beatty; Fothergill, 2020, p. 2).

Indo em direção à Europa continental, na Alemanha duas ondas se sobrepõem: uma ligada à indústria de extração de carvão nos anos 1950 em diante e outra à siderurgia, dos anos 1970 em diante na região do Ruhr (Berger, Wicke e Golombek, 2017). No entanto, o território exibiu maior gradualidade no fechamento de fábricas, prolongando o processo e mitigando seus custos sociais (Berger; Wicke; Golombek, 2017). Já na França, é possível ver um sinal de como a aceleração maior deu-se apenas em fins dos anos 1980 e início dos anos 1990 (Clarke, 2015).

O Leste Europeu e o Leste Asiático, por sua vez, apresentam uma periodização distinta. Na Hungria, esse processo se deu de forma acelerada ao longo dos anos 1990, possivelmente contribuindo para uma intensificação de seus impactos (Scheiring, 2020; Scheiring; King, 2023). Já no Leste Asiático há identificação de desindustrialização dos anos 1990 em diante, porém sua ocorrência é mais gradual e mitigada pela ação estatal (Lee, 2016). Há notável ausência, nessa literatura, de discussões sobre o caso chinês.

Em resumo, apesar de não significar a inexistência de casos temporalmente anteriores, como mostram outros trabalhos (Clingingsmith; Williamson, 2008; Pamuk; Williamson, 2011), há um consenso na literatura sobre sua maior intensidade ocorrendo entre os anos 1960 e fins dos anos 1980, especialmente na Europa Ocidental e EUA. Territórios caracterizados por uma industrialização mais tardia[8] ou com nível de renda *per capita* menor que os casos americano e europeu parecem ter seus processos situados a partir dos anos 1980, com intensificação ao longo dos anos 1990 e 2000, dialogando com o diagnóstico de Rodrik (2016).

Da mesma forma, algumas categorias de indústria são privilegiadas no debate, particularmente em função de sua relevância para os territórios enfatizados. O exemplo alemão, como já apresentado, mostra um processo de desindustrialização iniciado na indústria extrativa, de carvão,[9] que posteriormente se estende para a indústria de transformação pesada, a siderurgia (Berger, Wicke; Golombek, 2017). A indústria de carvão também é a indústria central examinada no exemplo britânico (Tomlinson, 2016). Há ainda presença de

8 Desindustrialização tardia refere-se aos países onde seu processo de industrialização ocorreu durante o século XX, em contraposição a processos de desindustrialização nos séculos XVIII e XIX (Mello, 1982).

9 Vale pontuar a relação entre a formação da União Europeia e a gestão dos recursos de carvão e aço no continente, sendo a primeira um resultado direto da formação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) em 1951 (Valls, 2016).

discussões sobre a indústria de transformação pesada na Grã-Bretanha, como no fechamento do estaleiro em Belfast, Irlanda (Hodson, 2019).

Já nos EUA e no Leste Asiático predominam estudos sobre o fechamento de fábricas e unidades produtivas ligadas à manufatura. No *Rust Belt* americano, há um aspecto emblemático do fechamento de fábricas ligadas à indústria automotiva, mas também de serralherias, fábricas de eletrodomésticos e outras (Cowie; Heathcott, 2003; High, 2003). Há uma lacuna nos estudos a respeito da composição típica da indústria em cada território e seus impactos. Assim, não pode ser excluída a possibilidade de fatores de caráter subsetorial influenciarem as trajetórias observadas.

Tabela 2 – Resumo dos casos de desindustrialização na literatura.

Local	Periodização	Características gerais
América do Norte	1960-1990	Centrado na redução do emprego na manufatura e com atenção à indústria automotiva. Intensificação nos anos 1970 em diante com crise e mudanças no cenário político nos anos 1980
Grã-Bretanha	1950-1990	Centrado na redução do emprego na indústria extrativa, especialmente carvão e também na indústria pesada. Distinção dos impactos e aceleração do processo na ascensão de discursos neoliberais do fim dos anos 1970 em diante
Europa Continental	1950-2000	Redução do emprego no setor extrativo, especialmente carvão, e siderurgia. Associado às mudanças tecnológicas e à realocação de investimentos. Maior gradualidade, especialmente no exemplo alemão
Leste Europeu	1990-2000	Redução do emprego industrial no setor de manufatura no contexto de transição para economia de mercado nos anos 1990. Processo rápido e mais intenso comparado a casos anteriores
Leste Asiático	1990-2010	Redução de emprego industrial no setor de manufatura no contexto de mudanças organizacionais e no mercado de trabalho. Menos intenso e mais mediado que no Leste Europeu

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se, ainda, recortar a literatura a partir de seus enfoques quanto à classe, à raça e ao gênero. Uma clara conclusão é que os estudos são majoritariamente baseados na perspectiva de trabalhadores e suas comunidades, em parte pela formação do campo inicialmente calcada no ativismo contra o fechamento de fábricas (High, 2013, pp. 995–996; Lawson, 2020, p. 2). Em particular, são enfatizados os trabalhadores industriais afetados diretamente pelo fechamento de fábricas ou minas, mas, em alguns trabalhos, grupos sociais urbanos com interesses antagônicos às comunidades de trabalhadores, como classes médias urbanas, podem aparecer, em geral nas discussões sobre projetos relativos à memória ou reestruturação econômica de comunidades (Hodson, 2019; Hoekstra, 2020; Lewis, 2016).

Trabalhos voltados à dimensão racial parecem concentrados no exemplo americano. Particularmente, preocupam-se com impactos maiores da desindustrialização sobre as oportunidades futuras e qualidade de vida da população negra (Berger; Engzell, 2022).

Nas metrópoles americanas, há também ligação com uma gradual gentrificação, especialmente dos subúrbios, onde frequentemente o fenômeno está associado à composição racial dos territórios (Highsmith, 2014; Winant, 2019). Nas discussões centradas na Europa, foi identificada pouca atenção a como a questão racial modifica os impactos da desindustrialização nos grupos sociais. Isso a despeito da importância da população imigrante para a reestruturação econômica das regiões, como o Ruhr (Berger; Wicke; Golombek, 2017).

Já na questão de gênero, alguns trabalhos a abordam do ponto de vista dos impactos da desindustrialização a respeito da masculinidade e dos papéis de gênero (Nayak, 2006). Um dos pontos centrais é como as mudanças nos processos de trabalho são vistas como mudanças de formas de trabalho mais "masculinas" para trabalhos mais "femininos" — particularmente no setor de serviços. Estes se refletem em requisitos profissionais distintos, frequentemente estereotipados em termos de gênero, por exemplo, a ideia de que *soft skills*[10] seriam mais tipicamente femininas. Há discussões sobre os impactos sobre as mulheres de trabalhadores e, mesmo que em menor número, sobre fechamento de fábricas onde a população empregada era majoritariamente feminina (Clarke, 2011). Há pouca discussão sobre as relações entre desindustrialização e o aumento da participação feminina na força de trabalho.

4. Causas, impactos e instituições mediadoras

A literatura examinada aponta como os processos de desindustrialização estão ligados tanto às mudanças no modo de produção industrial que produzem ganhos de produtividade, como às decisões de desinvestimento e realocação produtiva das empresas (Kollmeyer, 2009, 2018). Entre os elementos-chave, globalização (Alderson, 1999; Alderson; Nielsen, 2002) e automação (Berger; Engzell, 2022) são mobilizados como causas parciais do fenômeno. No quesito produtividade, em particular, há uma ênfase sobre como seu crescimento acima da demanda reduziu a participação da indústria no PIB e estoque de empregos (Rodrik, 2016).

Quando vista desse ângulo, a desindustrialização parece intimamente ligada à viabilidade econômica da atividade industrial em um dado território (Hoekstra, 2020, p. 697; Phillips, 2015, p. 558). Relaciona-se, assim, tanto à possibilidade de realizar aquele trabalho com menor número de pessoas como à facilidade em deslocar a atividade produtiva para territórios de custos mais baixos, especialmente países mais pobres que observaram ganhos de produtividade consideráveis (Tomlinson, 2016). Isso implica numa relação com mudanças tecnológicas relativas à produção e ao controle, inclusive financeiro. Essas mudanças têm base em avanços em automação (Berger; Engzell, 2022) e em tecnologias de comunicação.

Longe de um determinismo tecnológico, entretanto, essas mudanças estão ancoradas em decisões conscientes. O uso particular dado a essas tecnologias está associado a um conjunto de estratégias gerenciais voltadas à redução de custos, obtenção de benefícios fiscais e ambientes regulatórios mais flexíveis, crescente financeirização e redução do

10 Para discussão sobre a caracterização das *soft skills*, ver Thompson e Smith (2010, pp. 99–03).

poder de barganha coletiva dos trabalhadores. Essas mudanças gerenciais se configuram em estratégias de realocação produtiva, terceirização de atividades e adoção de modelos de trabalho novos (Kollmeyer, 2009, 2018), como métodos *lean*, produção *just in time* e outras formas de incrementar flexibilização do trabalho e produção.

Portanto, para além de uma discussão sobre redução de custos ou produtividade, há uma discussão sobre a disputa pela captura de valor[11] produzido advindo desses ganhos de produtividade. Bluestone e Harrison (1982) associam esse movimento a uma resposta corporativa à redução de suas taxas de lucro, mas seria mais claro colocá-lo como uma resposta corporativa à captura de valor por parte do trabalho[12]. Os efeitos dessa disputa sobre o Estado seriam sentidos futuramente com a aplicação de políticas neoliberais (Lawson, 2020; Scheiring; King, 2023), mas a etapa inicial da disputa pela apropriação do crescente valor produzido se deu na esfera institucional dos mercados de trabalho.

É em função dessa dimensão política que o processo não pode ser visto deslocado da trajetória histórica de cada território. Como enfatizado em Bluestone e Harrison (1982), mas também presente em Nettleingham (2019), Hodson (2019) e Clarke (2015), decisões conscientes de desinvestimento e desregulação foram gradativamente responsáveis pela perda de competitividade das indústrias nos territórios desindustrializados. Portanto, para além de mera racionalidade econômica, há uma necessidade de compreender essas mudanças como uma transformação desejada advinda da disputa política.

Em resumo, para além da transformação tecnológica e da oportunidade de negócios, houve intensa articulação política de forma a tornar a desindustrialização viável e vantajosa. Isso permitiu uma crescente captura do valor produzido nos territórios por uma elite econômica, em detrimento da perda de poder econômico e político do trabalho organizado, assim como de seus efeitos sobre as comunidades locais.

Essa análise afasta a possibilidade de uma leitura excessivamente determinista do fenômeno, atribuindo-o como quase consequência natural do crescimento da renda *per capita*. Essa perspectiva foi típica da economia neoclássica por muito tempo e inicialmente foi importada para o repertório sociológico (Clark, 1957; Bell, 1973 *apud* Kollmeyer, 2009, pp. 1644–1645). A própria identificação da ocorrência do fenômeno em graus de renda *per capita* muito distintos ao longo do tempo (Rodrik, 2016) aponta a existência de determinantes tecnológicos, organizacionais e políticos para além da mera "racionalidade econômica". Prefere-se, então, ler a correlação dos processos de desindustrialização com níveis de renda *per capita* como uma contingência histórica naquele conjunto de economias nas quais essa mudança social se deu primeiro.

Além de uma diversidade de causas, há uma diversidade de impactos. Como já dito, o ritmo e a temporalidade do processo parecem importar na dimensão e característica de suas consequências sociais. Pode-se destacar os impactos da desindustrialização no volume de empregos e, por consequência, na renda e grau de proteção social desses empregos (Beatty; Fothergill, 2020), particularmente na medida em que postos de

11 Para discussões sobre estratégia de captura de valor, ver Henderson *et al.* (2011).

12 Para discussão sobre transformação nas estratégias de acumulação e o conflito entre capital e trabalhadores, ver Harvey (1992).

trabalho criados no setor de serviço tendem a enfatizar uma dualização do mercado de trabalho (Lee, 2016, pp. 84–86).

Assim, é central o impacto da desindustrialização no crescimento da desigualdade, especialmente em conjunto com o enfraquecimento de sindicatos e outras organizações de trabalhadores (Kollmeyer, 2018) e na piora de diversos indicadores relativos ao bem-estar da população, a exemplo da ocorrência de depressão, do suicídio, do uso de drogas e mesmo do aumento de doenças cardíacas (Scheiring; King, 2023; Winant, 2019). Ademais, a perda de empregos tende a afetar permanentemente a renda e a chance de ocupação de melhores postos de trabalho pelas populações impactadas (Berger; Engzell, 2022), sendo os efeitos na renda mais fortes quando se observa a troca de ocupação de indústrias tipicamente mais bem remuneradas para outras de remuneração média inferior (Bluestone; Harrison, 1984; Clark; Gibbs, 2020).

Há, ainda, já citadas consequências relativas à perda de identidades e modos de vida (Beatty; Fothergill, 2020; Linkon, 2018; Mah, 2012). Outro resultado é a gentrificação e o apagamento da memória social, relacionados aos projetos de reorientação dos territórios desindustrializados (Lewis, 2016). Muitos trabalhadores sentem a perda de conexão com suas comunidades e senso de pertencimento aos espaços públicos dos quais historicamente eles foram parte (Clarke, 2015; Phillips, 2015).

Quanto ao Estado, são significativos os efeitos da desindustrialização sobre a sua capacidade de arrecadação (Highsmith, 2014) e também resultam no incremento de seus gastos (Beatty e Fothergill, 2020). Em particular, projetos de austeridade fiscal são comuns como resposta à pressão econômica e social criada pela desindustrialização (Lawson, 2020). Para além, há impactos sobre a percepção de populações sobre grupos políticos que podem ser duradouros, em geral sendo enfatizada a capacidade do grupo político no poder de responder ao fenômeno (Phillips; Wright; Tomlinson, 2019; Scheiring, 2020). Assim, estes processos parecem interagir fortemente com transições políticas, seja como causa ou consequência, e afetam por décadas as forças políticas organizadas em torno dos territórios desindustrializados.

É possível, ainda, observar como a literatura trabalha a dimensão relacional, que assume duas grandes ênfases: enquanto alguns trabalhos destacam o processo como uma relação direcionada da atividade econômica do setor secundário para o terciário (Beatty; Fothergill, 2020; Clark; Gibbs, 2020; Clarke, 2015; Kollmeyer, 2018; Phillips; Wright; Tomlinson, 2019; Tomlinson, 2016, 2020; Winant, 2019); outros a enfatizam como uma relação direcionada entre um território dito "desindustrializado" e novos territórios que passam por industrialização (Clarke, 2015; Hodson, 2019; Kollmeyer, 2018; Strangleman, 2017; Tomlinson, 2020). Nesse cenário é comum um influxo de imigrantes dos antigos territórios aos novos (Scheiring; King, 2023; Winant, 2019), por vezes em modo pendular (Clark; Gibbs, 2020, p. 43).

Há na literatura pouco debate sobre as decisões e estratégias dos territórios para onde se deslocam as atividades industriais, em geral tendo sua atuação estratégica reduzida à ideia de oferecer mercados de trabalho com salários mais baixos ou incentivos de ordem fiscal e regulatória (Strangleman, 2017, p. 474). Isso destoa de achados da sociologia

econômica sobre como a construção social de novos territórios é mais complexa e planejada do que aparenta, exigindo arranjos sociopolíticos particulares (Santos, 2007).

Essa baixa complexidade parece se refletir numa leitura relativamente rasa da relação entre instituições e desindustrialização. Estados nacionais são considerados importantes agentes, impactando ritmo e efeitos sociais, especialmente via uso de mecanismos de seguridade social (Tomlinson, 2016), proteção do emprego (Phillips, 2015; Phillips; Wright; Tomlinson, 2019) e via liderança em projetos de reestruturação econômica (Berger; Wicke; Golombek, 2017). Entretanto, na maior parte dos trabalhos, Estados são considerados monolíticos e não como conjunto de organizações ou instituições com conflitos internos. Atores ligados a estes aparecem apenas enquanto governos alternantes no nível do executivo federal ou governos locais, enquanto articuladores dos projetos de reestruturação econômica, mas com pouca atenção ao papel das burocracias estatais, empresas estatais, legislativo ou judiciário.

Sobre a sociedade civil, destaca-se a participação e influência de organizações ligadas à ação coletiva de trabalhadores, particularmente sindicatos (Hodson, 2019; Kollmeyer, 2018; Phillips, 2015; Phillips; Wright; Tomlinson, 2019), vistos como capazes de, em parte, frear, estabelecer condições melhores ou reduzir os impactos sobre as populações locais da perda de empregos industriais. Outro conjunto de instituições relevantes são organizações de moradores de certos territórios (Nettleingham, 2019), que são particularmente atuantes na gestão do território desindustrializado e que buscam influenciar as estratégias voltadas a reorientar o papel econômico dos territórios (Hodson, 2019; Lewis, 2016).

Por fim, instituições de caráter econômico, em especial as empresas, são colocadas como os elementos mais relevantes para o processo de desindustrialização, sendo ele resultante primariamente de suas decisões (Clarke, 2015; Kollmeyer, 2018). Entretanto, apesar do enorme peso associado às suas decisões, análises compreensivas sobre elas são quase ausentes na literatura. Toma-se como premissa a ação racional, orientada a interesses de acumulação por parte de empresas cujas decisões seriam quase "inevitáveis" nessa perspectiva. Entretanto, algumas evidências sugerem que essa relação não é tão simples. Alguns artigos apontam como a relação entre empresas e territórios é mais complexa (Highsmith, 2014) e que a decisão de desinvestimento está também ligada a disputas nas economias políticas dos países (Bluestone; Harrison, 1982). Assim, parece precoce naturalizar as decisões de desinvestimento e realocação produtiva como a única resposta racional ao contexto apresentado. Assim, outra lacuna diz respeito à escassez de análises acerca das perspectivas de empresas, elites econômicas ou trabalhadores em atividade gerencial.

5. Discussão e conclusões

As discussões acima exemplificam como a desindustrialização não possui uma definição consensual. Pelo contrário, possui características gerais associadas às suas manifestações empíricas, mas estas não necessariamente são amarradas em uma definição teórica coerente. Isso torna possível autores divergirem até mesmo sobre a existência do fenômeno em um dado caso.

Se não há consenso claro sobre o conceito, a maior parte da literatura examinada compartilha de uma preocupação com a discussão dessa mudança social do ponto de vista dos atores que a vivenciam mais diretamente, particularmente daqueles entendidos como membros da classe trabalhadora industrial, suas famílias e comunidades. São, portanto, tratados como observadores privilegiados. Entretanto, discussões de nível analítico macro são deixadas em segundo plano, talvez com exceção dos trabalhos utilizando análise documental ou estatística.

Também acaba relegada ao segundo plano a discussão do poder e seu papel na conformação do processo de desindustrialização, sendo as formas de resistência dos trabalhadores quase sempre entendidas como insuficientes para alterar significativamente o curso dessa transformação (High, 2022). Com poucas exceções, como Berger, Wicke e Golombek (2017), há pouca preocupação sobre a inter-relação entre movimentos de trabalhadores e comunidades e sua capacidade efetiva de influenciar os destinos dos territórios. Dada a pouca frequência de trabalhos centrados no Estado ou em empresas, o poder acaba sendo uma categoria pouco problematizada. As transformações impõem-se sobre as comunidades, as quais apenas reagem a elas, sem discussão dos interesses e estratégias orientadores das decisões de atores organizacionais envolvidos.

Especialmente diante de uma perspectiva que deseja enfatizar as contradições dessa transformação com esforços de *neo* ou reindustrialização, como no caso brasileiro, é preciso tornar Estado e empresas analiticamente "vulneráveis" aos contextos sociais. Isso permite, por exemplo, ver como mudanças econômicas se refletem em novos arranjos e aprendizados institucionais operando nos territórios (Ramalho, 2005).

Carece, portanto, de uma discussão mais aprofundada sobre como a ação social desses atores coletivos dotados de uma dimensão de poder, Estado e empresas, é afetada pelas instituições nacionais e regionais. A ausência dessa discussão é não compreender parte importante do argumento de Bluestone e Harrison (1982, p. 15) de que "desindustrialização não apenas acontece"[13]. Isso implica discutir as estratégias de acumulação das organizações econômicas e a ação do Estado na forma de suas políticas públicas e organização burocrática.

Adicionalmente, se a bibliografia analisada permite uma boa leitura para os casos das nações do Norte Atlântico, não é tão capaz de lidar por completo com a realidade do fenômeno em territórios com trajetórias históricas distintas, como o Brasil. Quando o processo de desindustrialização ocorre simultaneamente com industrialização tardia, *neo* ou reindustrialização, ou em comunidades nas quais a era industrial nunca teve o mesmo impacto, as perspectivas teóricas oriundas de como esse processo é vivido nas nações onde ele primeiro se evidenciou não apresentam o mesmo potencial explicativo. Dito de outra maneira, a realidade é mais heterogênea do que uma leitura situada na Europa Ocidental e América do Norte é capaz de dar conta.

É importante também salientar as lacunas e limitações desse próprio texto. Primeiramente, é necessário ampliar de maneira sistemática o escopo da análise para abarcar melhor trabalhos recentes das áreas de economia, geografia e ciência política.

13 Tradução própria.

Em segundo lugar, é preciso utilizar critérios não sistemáticos para incluir na discussão mais trabalhos a respeito dos casos fora do eixo Norte-Atlântico – com ênfase no Brasil. Por fim, a falta de discussões mais aprofundadas sobre o impacto da desindustrialização nas relações de gênero e raça, além da falta de discussões sobre sua dimensão ambiental, são limitações desse balanço. Essas lacunas apontam a necessidade de continuar, aprofundar e complementar as discussões aqui presentes em trabalhos futuros.

Bibliografia

ALDERSON, A. S. Explaining Deindustrialization: Globalization, Failure, or Success? **American Sociological Review**, 64, 5: 701–721, 1999.

ALDERSON, A. S.; NIELSEN, F. Globalization and the Great U-Turn: Income Inequality Trends in 16 OECD Countries. **American Journal of Sociology**, 107, 5: 1244–1299, 2002.

BEATTY, C.; FOTHERGILL, S. The Long Shadow of Job Loss: Britain's Older Industrial Towns in the 21st Century. **Frontiers in Sociology**, 5, 54: 1-12, 2020. https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fsoc.2020.00054/full, consultado em 05/01/2024.

BERGER, S.; WICKE, C. C.; GOLOMBEK, J. Burdens of Eternity? **The Public Historian**, 39, 4: 21–43, 2017.

BERGER, T.; ENGZELL, P. Industrial automation and intergenerational income mobility in the United States. **Social Science Research**, v. 104: 1-13, 2022. https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0049089X21001630, consultado em 26/12/2023.

BLUESTONE, B.; HARRISON, B. **The deindustrialization of America: plant closings, community abandonment, and the dismantling of basic industry.** New York, Basic Books, 1982.

BYRNE, D. Industrial culture in a post-industrial world: The case of the Northeast of England. **City**, 6, 3: 279–289, 2002.

CLARK, A.; GIBBS, E. Voices of social dislocation, lost work and economic restructuring: Narratives from marginalised localities in the "New Scotland". **Memory Studies**, 13, 1: 39–59, 2020.

CLARKE, J. Closing Moulinex: Thoughts on the Visibility and Invisibility of Industrial Labour in Contemporary France. **Modern & Contemporary France**, 19, 4: 443–458, 2011.

CLARKE, J. Closing Time: Deindustrialization and Nostalgia in Contemporary France. **History Workshop Journal**, 79, 1: 107–125, 2015.

CLINGINGSMITH, D.; WILLIAMSON, J. G. Deindustrialization in 18th and 19th century India: Mughal decline, climate shocks and British industrial ascent. **Explorations in Economic History**, 45, 3: 209–234, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL; MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Nova indústria Brasil – Nova indústria Brasil – forte, transformadora e sustentável: Plano de Ação para a neoindustrialização 2024-2026.** Brasília: CNDI, MDIC, 2024. https://www.gov.br/mdic/pt-br/composicao/se/cndi/plano-de-acao/nova-industria-brasil-plano-de-acao.pdf, consultado em 29/03/2024.

COWIE, J.; HEATHCOTT, J. **Beyond the ruins: the meanings of deindustrialization.** Ithaca, ILR Press, 2003.

DANDANEAU, S. P. Deindustrialization. *In*: RITZER, George. (Ed.). **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Globalization**. New Jersey, Wiley, 2012.

DURAZZI, N.; GEYER, L. Social inclusion in the knowledge economy: unions strategies and institutional change in the Austrian and German training systems. **Socio-Economic Review**, 18, 1: 103–124, 2020.

EFRON, S. E.; RAVID, R. **Writing the Literature Review.** New York, The Guilford Press, 2019.

EMERY, J. Geographies of deindustrialization and the working□class: Industrial ruination, legacies, and affect. **Geography Compass**, 13, 2: 3-14, 2019. https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/gec3.12417, consultado em 30/12/2023.

FELTRIN, L.; MAH, A.; BROWN, D. Noxious deindustrialization: Experiences of precarity and pollution in Scotland's petrochemical capital. **Environment and Planning C: Politics and Space**, 40, 4: 950–969, 2022.

GIBBS, E. The Moral Economy of the Scottish Coalfields: Managing Deindustrialization under Nationalization c.1947–1983. **Enterprise & Society**, 19, 1: 124–152, 2018.

HARVEY, D. **The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change.** Cambridge, Wiley-Blackwell, 1992.

HENDERSON, J. *et al*. Redes de produção globais e a análise do desenvolvimento econômico. **Revista Pós Ciências Sociais**, 8, 15: 143–170, 2011.

HIGH, S. **Industrial Sunset: The Making of North America's Rust Belt, 1969-1984.** University of Toronto Press, 2003.

___. "The Wounds of Class": A Historiographical Reflection on the Study of Deindustrialization, 1973–2013. **History Compass**, 11, 11: 994–1007, 2013.

___. A fruitless exercise? The political struggle to compel corporations to justify factory closures in Canada. **Labor History**, 63, 3: 297–315, 2022.

___. The Radical Origins of the Deindustrialization Thesis: From Dependency to Capital Flight and Community Abandonment. **Labour / Le Travail**, 91: 31–56, 2023.

HIGHSMITH, A. R. Beyond Corporate Abandonment: General Motors and the Politics of Metropolitan Capitalism in Flint, Michigan. **Journal of Urban History**, 40, 1: 31–47, 2014.

HODSON, P. Titanic Struggle: Memory, Heritage and Shipyard Deindustrialization in Belfast. **History Workshop Journal**, 87: 224–249, 2019.

HOEKSTRA, M. S. Iconic Architecture and Middle-Class Politics of Memory in a Deindustrialized City. **Sociology**, 54, 4: 693–710, 2020.

IVERSEN, T.; CUSACK, T. R. The Causes of Welfare State Expansion: Deindustrialization or Globalization? **World Politics**, 52, 3: 313–349, 2000.

JESSON, J.; MATHESON, L.; LACEY, F. M. **Doing your literature review: traditional and systematic techniques.** Los Angeles; London, SAGE, 2011.

KOLLMEYER, C. Explaining Deindustrialization: How Affluence, Productivity Growth, and Globalization Diminish Manufacturing Employment. **American Journal of Sociology**, 114, 6: 1644–1674, 2009.

___. Trade union decline, deindustrialization, and rising income inequality in the United States, 1947 to 2015. **Research in Social Stratification and Mobility**, 57: 1–10, 2018.

___. Deindustrialization, *In*: RITZER, George. (Ed.). **The Blackwell Encyclopedia of Sociology**. New Jersey, Wiley, 2020.

LAWSON, C. Making sense of the ruins: The historiography of deindustrialisation and its continued relevance in neoliberal times. **History Compass**, 18, 8: 1-14, 2020. https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hic3.12619, consultado em 09/01/2024.

LEE, S. S.Y. Institutional legacy of state corporatism in de-industrial labour markets: a comparative study of Japan, South Korea and Taiwan. **Socio-Economic Review**, 14, 1: 73–95, 2016.

LEWIS, C. "Regenerating community"? Urban change and narratives of the past. **The Sociological Review**, 64: 912-928, 2016.

LINKON, S. L. **The half-life of deindustrialization**: working-class writing about economic restructuring. Ann Arbor, University of Michigan Press, 2018.

LOIS GONZÁLEZ, R. C. Deindustrialization. *In*: ORUM, Anthony. M. (Ed.). **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Urban and Regional Studies.** New Jersey, Wiley, 2019.

MAH, A. **Industrial ruination, community, and place: landscapes and legacies of urban decline.** Toronto, University of Toronto Press, 2012.

MAIA, B. A. de A. Há desindustrialização no Brasil? Um estudo da abordagem clássica e de análises alternativas entre 1998 e 2014. **Economia e sociedade**, 29, 2: 549–579, 2020.

MARCONI, N.; ROCHA, M. Taxa de câmbio, comércio exterior e desindustrialização precoce: o caso brasileiro. **Economia e Sociedade**, 21, Número Especial: 853–888, 2012.

MELLO, J. M. C. de. **O capitalismo Tardio.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

MORCEIRO, P. C.; GUILHOTO, J. J. M. Sectoral deindustrialization and long-run stagnation of Brazilian manufacturing. **Revista de Economia Política**, 43, 2: 418, 2023.

NASSIF, A. Há evidências de desindustrialização no Brasil? **Brazilian Journal of Political Economy**, 28, 1: 72–96, 2008.

NAYAK, A. Displaced Masculinities: Chavs, Youth and Class in the Post-industrial City. **Sociology**, 40, 5: 813–831, 2006.

NETTLEINGHAM, D. Beyond the heartlands: deindustrialization, naturalization and the meaning of an 'industrial' tradition. **The British Journal of Sociology**, 70, 2: 610–626, 2019.

OREIRO, J. L.; FEIJÓ, C. A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista de Economia Política**, 30, 2: 219–232, 2010.

PAMUK, Ş.; WILLIAMSON, J. G. Ottoman de□industrialization, 1800–1913: assessing the magnitude, impact, and response. **The Economic History Review**, 64, s1: 159–184, 2011.

PERCHARD, A. "Broken Men" and "Thatcher's Children": Memory and Legacy in Scotland's Coalfields. **International Labor and Working-Class History**, 84: 78–98, 2013.

PHILLIPS, J. Deindustrialization and the Moral Economy of the Scottish Coalfields, 1947 to 1991. **International Labor and Working-Class History**, 84: 99–115, 2013.

PHILLIPS, J. The Closure of Michael Colliery in 1967 and the Politics of Deindustrialization in Scotland. **Twentieth Century British History**, 26, 4: 551–572, 2015.

PHILLIPS, J.; WRIGHT, V.; TOMLINSON, J. Deindustrialization, the Linwood Car Plant and Scotland's Political Divergence from England in the 1960s and 1970s. **Twentieth Century British History,** 30, 3: p. 399–423, 2019.

PULA, B. Industrialization and Deindustrialization. *In*: TURNER, Bryan S. (Ed.). **The Wiley□Blackwell Encyclopedia of Social Theory**. New Jersey, Wiley, 2017.

RAMALHO, J. R. Novas conjunturas industriais e participação local em estratégias de desenvolvimento. **Dados**, 48, 3: 491–523, 2005.

RHODES, J. Youngstown's "Ghost"? Memory, Identity, and Deindustrialization. **International Labor and Working-Class History**, 84: 55–77, 2013.

RODRIK, D. Premature deindustrialization. **Journal of Economic Growth**, 21, 1: 1–33, 2016.

ROWTHORN, R.; RAMASWAMY, R. Growth, Trade, and Deindustrialization. **IMF Staff Papers**, 46, 1: 18-41, 1999.

SANTOS, R. S. P. dos. O Sul fluminense em questão: o papel das redes sóciopolíticas na promoção do desenvolvimento regional. *In*: RODRIGUES, I. J.; SANTOS, F.; MOURA, R.; VAZ, C.; PAIVA, Y. **Desindustrialização e a Dinâmica das Eleições Presidenciais no Brasil (2002-2018)**. *Opinião Pública*, v. 30, 2024.

RAMALHO, J. R. (Ed.). Trabalho e sindicato em antigos e novos territórios produtivos: comparações entre o ABC paulista e o sul fluminense. São Paulo, AnnaBlume, 2007.

___. (2016). Desenvolvimento econômico e mudança social: a Vale e a mineração na Amazônia Oriental. **Caderno CRH**, 29, 77: 295–312, 2016.

SCHEIRING, G. Left Behind in the Hungarian Rustbelt: The Cultural Political Economy of Working--Class Neo-Nationalism. **Sociology**, 54, 6: 1159–1177, 2020.

SCHEIRING, G.; KING, L. Deindustrialization, social disintegration, and health: a neoclassical sociological approach. **Theory and Society**, 52, 1: 145–178, 2023.

STRANGLEMAN, T. Deindustrialisation and the Historical Sociological Imagination: Making Sense of Work and Industrial Change. **Sociology**, 51, 2: 466–482, 2017.

STRANGLEMAN, T.; RHODES, J. The "New" Sociology of Deindustrialisation? Understanding Industrial Change. **Sociology Compass**, 8, 4: 411–421, 2014.

STRANGLEMAN, T.; RHODES, J.; LINKON, S. Introduction to Crumbling Cultures: Deindustrialization, Class, and Memory. **International Labor and Working-Class History,** 84: 7–22, 2013.

THOMPSON, E. P. **The making of the English working class**. New York, Vintage Books, 1966.

THOMPSON, P.; SMITH, C. (Eds). **Working Life**. London, Macmillan Education UK, 2010.

TOMLINSON, J. Re-inventing the 'moral economy' in post-war Britain. **Historical Research**, 84, 224: p. 356–373, 2011.

___. De-industrialization Not Decline: A New Meta-narrative for Post-war British History. **Twentieth Century British History**, 27, 1: 76–99, 2016.

___. De-industrialization: strengths and weaknesses as a key concept for understanding post-war British history. **Urban History**, 47, 2: 199–219, 2020.

TREGENNA, F. Characterising deindustrialisation: An analysis of changes in manufacturing employment and output internationally. **Cambridge Journal of Economics**, 33, 3: 433–466, 2009.

VALLS, R. **The European Communities**. CVCE.EU / UNI.LU, 2016. https://www.cvce.eu/en/obj/the_european_communities-en-3940ef1d-7c10-4d0f-97fc-0cf1e86a32d4.html, consultado em 30/05/2024.

VAN NEDERVEEN MEERKERK, E. Challenging the de□industrialization thesis: gender and indigenous textile production in Java under Dutch colonial rule, c. 1830–1920. **The Economic History Review**, 70, 4: 1219–1243, 2017.

WINANT, G. "Hard Times Make for Hard Arteries and Hard Livers": Deindustrialization, Biopolitics, and the Making of a New Working Class. **Journal of Social History**, 53, 1: 107–132, 2019.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS.